# A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE PENSAMENTO CRÍTICO

ANDREA FUNDATO DE SOUZA SANTOS

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo trazer discussões sobre a Educação como forma de pensamento crítico, em vista do desenvolvimento de sujeitos democráticos, autônomos e socialmente filosóficos. A Filosofia para crianças e adolescentes visa esclarecer sua metodologia, tanto par a professores como para aqueles que sentem necessidade de uma transformação no ensino, dessa forma as crianças se prepararão para lidar com questões como ambiguidade, símile, metáforas, analogias, regras e razão. Os sujeitos que aprendem a pensar de forma crítica ficarão mais aptos a raciocinar, formar juízos de valos, conceitos, fazer comparações, sínteses, ampliar o vocabulário e prepara para lidar com fatos de seu cotidiano. A Filosofia desenvolve habilidades cognitivas de raciocínio e investigação, tornando-as livres para expor seus pensamentos. A perspectiva de ensinar filosofia para crianças está relacionada à resolução de conflitos, indagações, questionamentos. Quando se fala e pensa no ensino de Filosofia para crianças, muitos se surpreendem que tal objetivo seja quase impossível.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento Crítico; Raciocínio; Sujeitos Democráticos.

## INTRODUÇÃO

A filosofia para crianças, não tem por método ensinar as crianças à história da filosofia, mas prepará-las para indagações, ou seja, a pergunta que levará a investigação daquilo que se deseja saber. Trata-se de uma reflexão filosófica, pois a criança desenvolve seu pensamento, seu raciocínio lógico e crítico proporcionando a prática de aprender a "pensar".

O programa de filosofia surgiu na década de 60 quando o professor de lógico Matthew Lipman sentiu a necessidade de desenvolver nas crianças a reflexão e raciocínio lógico. Foi Introduzido no Brasil no final de 1984 pela professora de filosofia Catherine Young Silva, fundadora do pensamento lógico-reflexivo, com a preocupação das crianças pensarem e bem; as pessoas pensam, mas muitas vezes, não é de forma consistente, adequada ou de maneira rica, a filosofia vem de encontro justamente com essa necessidade de pensar com clareza, podendo aplicar em sua própria vida, necessária para a sobrevivência, daí a necessidade de se estar trabalhando a filosofia não só na história que é importante, mas também nas formas simples da vida, ela vem de encontro a provocar e indagar as pessoas.

No entanto, Matthew Lipman (1922-2010), filósofo americano, quis propor um método que tivesse por foco justamente o ensino de Filosofia para crianças desde as idades escolares iniciais, levando-as a discutirem temas filosóficos importantes, explorando pontos importantes da racionalidade humana.

O programa de Lipman produz uma mudança radical na forma como ele aborda a filosofia: trata-se, em primeiro lugar, de fazer filosofia com crianças, mais do que ensiná-la. Neste ponto há uma recuperação criativa da forma como Sócrates e outros a patentearam no passado, mas com uma diferença substancial aqui, a filosofia é praticada com crianças.

Filosofia para crianças é um programa que tem em seu currículo uma série de materiais numa sequência que propõe auxiliar crianças e jovens a desenvolver seu pensamento lógico reflexivo, estimulando seu senso crítico por meio de livros, textos os quais provocam uma discussão sobre pensar. A habilidade do professor estará em auxiliar o educando a pensar em sua vida de modo reflexivo e sistemático, tendo lógica na construção desses pensamentos; sempre haverá uma retomada de conteúdo e nunca um assunto ficará sem resposta ou uma possível solução.

As práticas filosóficas na educação discorrem sobre os desafios no espaço escolar, na comunidade, na família, que muitas vezes não estão preparadas para responder as indagações sobre os "porquês" que são muitos utilizados pelas crianças. Rompendo com

tradições que Filosofia é apenas para os filósofos, defendese que é necessário o reconhecimento da necessidade de que o pensar institui o caminho para a própria construção de uma personalidade e formação, pois a criança desenvolve seu pensamento, seu raciocínio lógico e crítico, ela aprende a pensar desenvolvendo sua autonomia investigativa. A escola por sua vez deve propor e oportunizar ao aluno um ambiente educativo e reflexivo que instiga a curiosidade, a argumentação a criatividade, entre outros, assumindo seu papel em seu fazer pedagógico na sociedade contemporânea. Exercitar a reflexão filosófica está relacionado a resolução de conflitos, indagações, questionamentos, percebe se alguma resistência de instituições que não abrem espaços em seus currículos por desconhecerem ou por desacreditarem na proposta, a filosofia não consegue grandes espaços para se efetivar no âmbito da educação infantil se faz necessário uma reflexão da prática pedagógica.

## A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE FILOSOFIA NA DINÂMICA EDUCACIONAL

A educação para enfrentar os desafios passa por um processo na dinâmica educacional, tendo como a busca de novos objetivos. Uma nova concepção ampliada da educação está atrelada a construção de conhecimento, que todos possam descobrir reanimar e fortalecer o seu potencial criativo e autônomo.

Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordens econômicas), e se passe a considerar em toda sua plenitude, realização da pessoa que na sua totalidade, aprende a ser.

É notório que os novos paradigmas educacionais almejem mudanças, transformações e novos desafios que envolvem a melhoria do processo educacional em sua totalidade por meio do conhecimento, que ocorre a todo o momento e em diversos espaços, é um processo contínuo que resulta aprendizagem, a escola por sua vez é um ambiente privilegiado para potencializar e sistematizar as habilidades requeridas pela experiência e vivência dos educandos com base dialética e filosófica.

A filosofia se ocupa sobre o pensar e reconhece a sua importância, como fundamento para o processo educacional, tornando cada sujeito um cidadão crítico, participativo e com ações democráticas. Atualmente percebemos que as maiorias dos adultos não exercitaram desde pequenos sua autonomia no pensar e no agir, por esse motivo torna-se difícil, exercitar uma visão crítica sobre si e sobre o mundo. A filosofia tem por objetivo compreender e analisar ideias de forma reflexiva por meio de descrições, investigações e interpretações com argumentos racionais e lógicos.

O diálogo é uma ferramenta que proporciona adquirir habilidades cognitivas importantes para a construção do conhecimento filosófico, de um ambiente participativo de trocas de experiências em que se ouve e é ouvido.

A filosofia tem como pressuposto o método investigativo na construção do conhecimento em busca da verdade por meio de indagações. A filosofia aspira à verdade que o mundo não quer assumir, seja porque não compreendeu ou não quer se comprometer viver com a busca dessa verdade.

## O SURGIMENTO DA FILOSOFIA

Mas, o que é a filosofia e como ela surgiu?

“A palavra filosofia é grega, é composta por duas outras philo e Sophia.Philo deriva se de phila, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre ios iguais. Sophia quer dizer sabedoria e dela vem a palavra sophos, sábio”.

Segundo Chauí (1994), “a filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: o que ama a sabedoria tem amizade pelo saber, deseja saber”.

Conforme a tradição histórica atribui-se ao filosofo grego Pitágoras de Samos que viveu no século V antes de cristo, a criação da palavra filosofia. Para Pitágoras a sabedoria plena e completa pertencia aos deuses, mas os jovens poderiam desejá-la ou amá-la, tornando-se assim filósofos.

Foi onde “... o pensamento voltou-se para si mesmo; as pessoas começaram a pensar so-

bre o pensamento. É a partir de então, findo o processo de amadurecimento do pensar, que se deu o nascimento da filosofia". (Lipman 1994)
Sem ordem cronologia podemos observar algumas definições do que a filosofia representa na visão de alguns filósofos de renome, A filosofia para Platão, seria algo benéfico aos seres humanos, ou seja, um saber verdadeiro. Para Kant é o reconhecimento que a razão adquiriu de si mesma tendo a felicidade humana como finalidade. Já Descarte diz que a filosofia séria o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida. Segundo Marilena Chauí (1999, p. 41) a filosofia se define a partir dessas definições, útil a todos os saberes de que os seres humanos são capazes.
Segundo Platão e Aristóteles, a admiração é o princípio da filosofia. Para os filósofos antigos e para os modernos como Descartes, a admiração está na raiz da dúvida, da interrogação e da investigação, portanto, no início do filosofar. É próprio do pensar infantil a imensa capacidade de admirar o mundo, no processo de construção de significados e valores. O adulto já tem suas certezas e seus valores e está em meio a tantas preocupações cotidianas, a tantos desencantamentos, que perde a capacidade de admirar-se perante a existência.
Com o decorrer do tempo a palavra filosofia foi perdendo seu significado origina. Na Grécia Antiga passou a designar um tipo especial de sabedoria. Aquela que nasce do uso metódico da razão, da investigação racional e na busca do conhecimento. No ocidente, esse significado amplo, manteve-se até a Idade Média. Durante a Idade Média, o significado amplo, começou a reduzir. A realidade a ser conhecida passou a ser dividida, despertando estudos especializados, iniciava a separação entre ciências e filosofia.

Existem diversas definições atinentes a filosofia. Lipman considera, entre outras coisas que: "Fazer filosofia não é questão de idade, mas de refletir cuidadosamente e corajosamente sobre o que a gente considera importante! (KOHAK, 1999. P. 84).

A filosofia, como disciplina, tem como pressuposto um dos possíveis caminhos e não a solução para as deficiências da educação brasileira, no sentido de facilitar a passagem do pensar ingênuo para o pensar crítico.

O ESTÍMULO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO
Durante muitos anos temos oferecido às crianças e aos jovens, respostas prontas e instantâneas a todos os problemas, isso tem se tornado inadequado e improdutivo, porque estamos podando o pensamento crítico e reflexivo, principalmente dos que são menos favorecidos. Se continuarmos assim em breve a criança já não terá mais incentivo, pois o que ela deseja falar ou fazer haverá sempre alguém que fará por ela. Dessa forma não desenvolvera o pensamento crítico filosófico, dialético na busca da autonomia.
Segundo Piaget em sua teoria, deixa-nos bem claro que se não fizermos nada para estimular essas crianças, em breve serão adultos dependentes e influenciáveis. A criança, em breve serão adultos dependentes e influenciáveis. A criança em condições normais de desenvolvimento à medida que cresce, vai se tornando mais autônoma e menos heterônoma, ou seja, se torna menos dependente de outras pessoas, aptas a tomar decisões por si mesma. Dessa forma devemos estimulá-las a si libertarem para que elas estejam prontas para se integrarem no mundo em que vivemos, pois com tantas diferenças e conflitos, torna- se perigoso. Precisamos oferecer as gerações contemporâneas o trabalho ao acesso filosófico, para estimulálas a pensar de maneira crítica e criativa.
Segundo Lipman, in Loriere (1994) O Programa de Filosofia no 1º grau busca transformar a sala de aula numa comunidade de investigação, onde todos são responsáveis pela busca da verdade, pela construção coletiva de conhecimento a respeito dos temas levados pelos alunos e pelo desenvolvimento das habilidades do pensamento.
Sendo professor de lógica interessou-se por desenvolver o Programa de filosofia para Crianças no final dos anos 60, quando numa reunião de pais e mestres, na escola de seus filhos, surgiu discursão de que as crianças só estudavam para as provas e depois de algum tempo já não se lembrava, mais do

que se havia estudado. Os Pais sugeriram, a partir da filosofia, um método de ensino que se ajustasse a melhorar o relacionamento das crianças com o ensino e a escola. A partir dessa discussão, começou a elaborar o programa que consiste na "... adaptação das idéias filosóficas básicas ao universo das crianças e que lhes permitem desenvolver a habilidade de pensar criticamente e relacionar os sentidos das coisas".
Segundo Lipman, as objeções feitas para as crianças não fazerem filosofia, estão diminuindo e dando lugar a novas perguntas: qual o tipo de filosofia que as crianças podem fazer? Embora haja diferenças entre a fase infantil e a adulta, elas não são tão significativas, e as crianças não estão distantes do paradigma da racionalidade adulta, como se pensa.
A proposta de se ensinar filosofia para crianças é algo que ainda suscita muitas dúvidas e controvérsias.

Uma filosofia para crianças e jovens não estaria preocupada em formar discípulos para perpetuar um certa corrente filosófica, uma certa visão de mundo, mas para ajudar a pensar e a transformar o mundo. Conceber a filosofia como uma especialidade é derrotá-la antes mesmo de iniciar a batalha por ela. (GADOTTI, 2002, p. 28)

Na concepção de Lipmam (2001),

"[...] os alunos que não são instruídos a utilizar critérios de maneira sensível ao contexto e ao mesmo tempo autocorretiva não estão aprendendo a pensar criticamente". O pensar crítico é também autocorretivo, isto é, durante o processo de investigação os membros da comunidade começam a buscar fraquezas e corrigir o que é falho, tanto nos procedimentos quanto nos métodos uns dos outros. Uma das preocupações primordiais do pensar crítico é com a verdade, buscando evitar o erro e a falsidade. Desse modo, à medida que os sujeitos vão internalizando os métodos e procedimentos do pensar crítico, podem passar a autocorrigir o seu próprio pensamento (LIPMAM, 2001, p. 179).

Conforme Loriere, o trabalho de Filosofia para Crianças se iniciou no Brasil, no final de 1994, quando a professora Catherine Youg silva havia terminado seu mestrado, com o tema sobre Filosofia para Crianças. Ela fez aplicações com crianças espanholas, porto riquinhas e portuguesas, na cidade de Newark. Chegando no Brasil, entrou em contato com DRECAP-2 e lhes contou sobre o programa. Uns grupos de professores se reuniram e formaram a entidade "centro Brasileiro de Filosofia para crianças". Foram realizados vários estudos e adaptações para realidade, houve a tradução do material par Língua portuguesa, porque as historias não eram brasileiras, algumas delas não se ajustavam a nossa realidade. Realizaram a divulgação do material nas escolas, instituições e na própria Secretaria de Educação de são Paulo, que aplicou em 1985, em escolas de diversos bairros de São Paulo, a experiência em algumas escolas tornou-se conhecida e alguns diretores se mostraram dispostos em aplicar o programa.
O ensino de filosofia para a educação básica no Brasil vem se revitalizando nos últimos anos. A Lei 11.684 de 2 junho de 2008, obriga a sua inserção na grade curricular do Ensino Médio. Algumas instituições, no entanto, foram além, e estenderam seu ensino às séries iniciais da educação básica, tendência essa, que pode vir a ser normatizada por lei. Especificamente, desse contexto.
Para um bom desenvolvimento da posposta apresentada faz necessário uma reforma e reorientação curricular
A Filosofia no Ensino Fundamental, portanto, deve partir da realidade dos educandos, tendo como base todo o arcabouço legado pelos mais de dois mil e quinhentos anos de história da Filosofia, sem, no entanto, fazer uma abordagem conteudista da mesma. É necessária essa base histórico-documental, pois

"... a Filosofia tem sua origem e ponto de partida quando o pensamento instigador do Homem se volta reflexivamente sobre si próprio e seu conteúdo de conhecimentos já elaborados e conceituados" (PRADO JR., 1997, p. 30).

Mas também é necessária certa atualização no que concerne aos seus conteúdos. Lipman o fez em suas novelas, abordando os grandes filósofos da humanidade e suas reflexões por meio de seus personagens como Rebeca, Pimpa, Luíza.

O INCENTIVO AO DIÁLOGO INVESTIGATIVO

Alguma criança independente de sua condição socioeconômica, entram na escola curiosas, ansiosas, criativas, esperançosas, e aos poucos, perdem esse estimulo e se tornam mais apáticas, sem vontade para aprender. A criança tem que ter oportunidade de ser ouvida, respeitada, tratada como ser humano, aptas a desenvolver conceitos, tirar inferências, raciocinar logicamente, livre de manifestações.

A escola tem como papel incentivar as crianças ase exporem, sem medos, angústias, discriminações, dar- lhes liberdade de demonstrar suas opiniões. Incentivar as crianças a pensarem filosoficamente, isso não é uma tarefa muito fácil, mas possível de se realizar e os professores não devem desanimar, são eles que podem mediar o ambiente de modo que a consciência da criança se prolongue. Se os professores conduzirem adequadamente seus alunos, eles vão ajudá-los a verbalizar, objetivar e refletir seus pensamentos.

Para que isso realmente ocorra há necessidade de que o professor estimule os educandos a interagir pela fala e escuta.

É devido à linguagem que o homem se reconhece como ser humano, assim pode se comunicar com outras pessoas e trocar experiências, mas para isso é essencial que haja outras pessoas, é na convivência social que nasce a linguagem, conforme as necessidades de intercâmbio e contato social.

É por meio da fala que as crianças se certificam de seu conhecimento respeito do mundo que a cerca, assim como si mesmo. A fala é a expressão de comunicação mais utilizada, favorecendo assim o contato social das pessoas.

Desde pequenas as crianças são muito curiosas, quer saber o porquê de todas as coisas, os adultos ficam “de saia justa” com tantas interrogações, e não respondem as perguntas de forma adequada ou simplesmente ignoram essa fase de curiosidade a respeito do mundo e das coisas, prejudicando o desenvolvimento investigativo das crianças”.

Os estudos de Piaget nos deixam claro que a criança em condições normais, torna-se progressivamente autônoma, mas na medida em que cresce o adulto passa a conduzi-la tornando-a cada vez mais heterônoma, acreditando em todos os fatos sem questionamentos.

Quando a criança se sentir “pronta” ela mesma se interessa pela leitura e escrita, sem traumas, de forma a estimular cada vez mais criatividade e espontaneidade. De acordo com as teorias de Piaget é no contato com outras crianças que ela vai confrontar seu pensamento e consequentemente descobrir que seus amigos pensam diferente dela.

As crianças vão crescendo, e aos poucos vão perdendo a curiosidade reflete menos, questionam menos, reduzem seu potencial, sua imaginação e fica, com medo de falar e serem advertidas.

O professor deve estimular as crianças a falarem, tirando-lhes o medo de serem rendidas, de falarem “bobagem” e os outros rirem. Quando o professor perceber que as crianças desejam falar algo, mesmo que seja no meio de uma discussão, ou em qualquer atividade, ele deve deixá-las livres ao ponto de se sentirem seguras, e sem medos. Podemos ajudá-las fazendo perguntas do tipo: Como vocês estão? Quais suas opiniões a esse respeito? O que vocês querem falar? O que vocês fizeram ontem? O ideal é o professor proporcionar sempre uma roda de conversa no período da aula, para as crianças expor momentos da sua vida cotidiana.

Existem crianças que desde pequenas são incentivadas ao diálogo, são criativas, criadoras, não tem medo de expor seus pensamentos, suas dúvidas anseios e medos.

Não devemos evitar as conversas, mas estimulá-las em direção positiva e criadoras. O professor deve criar um ambiente que estimule, criando oportunidades, para discussões. É importante que elas contribuam, e sintam a necessidade de continuar participando de conversas e diálogos significativos, tanto que continue pensando sobre as discussões e sinta a necessidade de contribuir para o raciocínio, como também dar oportu-

nidade aos outros, para que expressem suas opiniões, colaborando assim para uma complementação de suas próprias ideias.
É essencial que se tenha a mente a importância de cada falar na sua vez, sempre respeitando a fala e a opinião do outro.
Lipman (2001)" Se a criança não for encorajada à experimentação com as palavras é inevitável que se iniba a experimentação intelectual". Se as conversas forem organizadas e disciplinadas, aprimorarão as habilidades de pensamento, pois a comunicação verbal exige uma série de atos mentais. Outro benefício é que os jovens gostam de falar e de serem ouvidos, por esse motivo é aconselhável que o professor utilize uma atividade que eles gostem que melhore seu poder de raciocínio e respeito mútuo, do que tentar forçá-lo em uma atividade que se sintam intrinsecamente insatisfeitos.
A criança é um ser ativo e tem um enorme potencial, este somente será exposto se o que a criança estiver fazendo seja o seu interesse, somente assim ela internalizará o que lhe foi exposto.
Também é importante ter alguém que nos ouça quando estamos com problemas insatisfeitos, alegres, tristes, angustiados. Sentimos a necessidade de sermos ouvido e compreendido, a criança por sua vez sente a mesma necessidade, mas como os adultos estão sempre ocupados com afazeres, muitas vezes, ele apenas ouve, não dá a atenção que deveria ser dada a crianças, a escuta atenta, a criança apresenta-se triste porque quer que preste atenção nela.
O professor tem que estimulas as crianças a falarem, mas tomando o cuidado de expressarem claramente o que querem dizer , seu pensamento não poderá ser confuso, caso contrário entenderemos com um outro significado que não é real. Também é importante as crianças aprenderem a ouvir umas as outras mesmo em discussão, se todas falarem ao mesmo tempo ninguém entenderá nada do que foi dito, tem que aprender a respeitar a vez do outro, se todos respeitarem sua vez, conseguimos ouvir e sermos ouvidos, facilitando para o entendimento.
Essa não é uma tarefa muito fácil de realizar, e leva muito tempo a paciência para conscientizar as crianças dessa necessidade, mas é essencial para que ocorra um diálogo investigativo, atenção, coerência e disciplina.
É importante que no momento da leitura a criança se transporta a outro mundo e comece a discutir entre os colegas como se estivessem discutindo sobre sua própria vida, integram-se de tal forma ao texto que não desejam parar para falar a respeito dele. É importante que o assunto seja interessante para a criança caso contrário ela terá dificuldades de discutir algo em que não está integrada, que não seja de seu interesse. O professor deve estimular o diálogo a partir de assuntos que fazem parte do cotidiano da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos capazes de pensar de forma crítica e analítica. Mais do que transmitir conhecimento, a educação deve estimular a reflexão, o questionamento e a análise profunda dos fatos e ideias que nos cercam.
Quando a educação é entendida como uma ferramenta para o desenvolvimento do pensamento crítico, os indivíduos se tornam mais aptos a avaliar informações com discernimento, a identificar preconceitos e manipulações, e a formar opiniões fundamentadas em argumentos sólidos.
Promover o pensamento crítico nas salas de aula não se resume apenas a apresentar conteúdos diversos, mas também a incentivar os alunos a questionar, a debater e a buscar diferentes perspectivas sobre um mesmo tema. Dessa forma, os estudantes aprendem a analisar os problemas de forma abrangente, a considerar múltiplos pontos de vista e a tomar decisões embasadas em raciocínio lógico.
Além disso, o pensamento crítico não se restringe ao ambiente escolar, mas se estende para todas as esferas da vida. Indivíduos que desenvolvem essa habilidade estão mais preparados para enfrentar desafios complexos, para se adaptar a mudanças e para contribuir de forma significativa para a sociedade.
Portanto, a educação como forma de pensamento crítico não apenas capacita os indivíduos a analisar o mundo ao seu redor, mas

também os empodera para serem agentes de transformação, capazes de questionar o status quo, de buscar soluções inovadoras e de promover uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho- Ensinar e Aprender com sentido. São Paulo: Editora Cortez. 2002.

KOHAN, Walter Omar. Infância. Entre educação e filosofia de Matthew Lipman. Petrópolis, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KOHAN, Walter Omar e WUENSCH, Ann Mirian (Orgs.). Filosofia para crianças. A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus Editorial, 1990. LIPMAN, Matthew. A filosofia na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, Matthew. O pensar na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PRADO Jr., Caio. O que é filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1981.